O HOMEM LIVRE

EM LUTA CONTRA:
— a improvisação;
— o farisaísmo dos pseudos sábios;
— as falsas elites;
— o primarismo e o negativismo filosófico.

MAS A FAVOR:
— da cultura em profundidade;
— da liberdade justa;
— do conhecimento honesto;
— da filosofia positiva e concreta.

UM ESFÔRÇO EM LUTA CONTRA AS TREVAS

ANO I | **SÃO PAULO — Março de 1965** | **N.º 2**

A luta pela Liberdade

Mostramos, no primeiro número, ao apresentarmo-nos ao público que ainda tem algum brio dentro de si, nesta época de corrupção e de delinqüência, em que há a ameaça de se dissolverem todos os princípios mais nobres do ser humano;

que a liberdade é o ato humano por excelência. É uma conquista também nossa, e consiste na capacidade de guiarmos a nossa vontade assistida pela intelectualidade, tornando-se, pelo conhecimento, capaz de escolhermos entre futuros contingentes, aquêle que desejamos.

Nada tem de ver liberdade com licenciosidade, nem com desvinculamento total das causas.

A liberdade exige independência dos preconceitos e dos «clichês mentais», capacidade de examinar seus atos, ausência de coação exterior que obstaculize a vontade, quando justamente orientada pelo intelecto.

Lutamos assim contra todos os que desejam nos transformar em máquinas, em coisas, em troços; que nos querem impingir uma lavagem do cérebro para que nêle apenas permaneçam as palavras de ordem, os chavões gastos pela repetição monótona, o simplismo intelectual, a tolice e a ignorância audaciosa e auto-suficiente.

Se lutamos contra isso, em favor da dignificação do homem, não podemos deixar de nos atirarmos decididamente contra tudo o que seja ou represente o que é a negação da liberdade humana: contra tudo que aumente trevas, que obscureça o que já era claro, que reimporte o que já havíamos dejectado, apresentando-nos sob novos rótulos a mesma borra repugnante.

Temos que enfrentar os inimigos do homem livre e defensores do homem-troço, do homem-parafuso, do homem-engrenagem, do homem-instrumento...

Que se alinhem do nosso lado os que pensam como nós. Se formos poucos, o que não acreditamos, não faz mal: nós ao menos lutaremos pela dignidade humana, e essa luta será bastante para justificar-nos. Que riam de nós os comprometidos com a decadência humana, com o retôrno do homem não mais à animalidade, mas ao mundo mineral. Nós continuaremos lutando pela dignificação do homem, do homem cada vez mais humano, do ato humano, que é o ato livre, o que o distingue dos animais e das coisas.

Como fomos recebidos

Nenhuma surpreza nos causou a maneira como fomos recebidos, porque o fomos como esperávamos: com aplausos dos que ainda têm dignidade, e desejam uma vida superior para os homens, e com a agressão daqueles que lutam pelo homem-troço, pelo homem-coisa. Outros silenciaram, velho processo de querer ocultar o que não nos agrada, como as crianças que, ao fecharem os olhos, julgam que se ocultam do mundo.

Aqui estamos para prosseguir uma longa caminhada. Longa e árdua, porque não podemos esperar que a nossa divulgação se processe com facilidade, quando todos os meios de circulação estão emperrados e empaturrados de baixa-literatura. Há uma conspiração universal para destruir a cultura e o ideal clássico (quando falamos em ideal clássico não falamos em **classicismo**, que é uma forma viciosa daquele), que é um ideal de clareza, de honestidade de intenções, de formas simples e diretas, de nenhum uso e muito menos abuso dos meios de impressionar, de despertar paixões, de entregar o homem aos seus anelos mais primitivos.

Houve quem nos achasse demasiadamente agressivos e quem nos achasse demasiadamente brandos. Outros afirmaram que pretendemos voar muito alto. Os primeiros são os temerosos; os segundos os irritados, e os terceiros, aquêles que como os sapos nunca perdoam o vôo das águias.

Somos como temos de ser. Se há leitores que não nos podem acompanhar na exposição das idéias, com o tempo hão de se familiarizar com elas. Se há os que julgam que de-

Uma coisa desrespeitada no Brasil: A Reputação Alheia

Não é de hoje que é assim. Vem desde a formação dêste país a falta de respeito quanto à reputação alheia. Não há país onde mais fàcilmente se levante uma calúnia, uma intriga, uma dúvida sôbre a honorabilidade de uma pessoa, que não seja atingido um homem, desde logo, sobretudo se se projeta por algum valor do que em nossa terra. Pelo menos não conhecemos outra região igual. É possível que algum pequeno país em formação, na África ou, talvez, aqui, na América Latina, tal prática tenha êmulos, que nos ameacem superar. Contudo, afirmamos a nossa ignorância sôbre o assunto. Não os conhecemos. Conhecemos, sim o que se passa entre nós. Aqui não há honorabilidade que resista à indecorosa profanação dos caluniadores e infamadores.

Dom Pedro II foi chamado de **ladrão.** E **ladrão** foi chamado Rui, e muitos outros homens de reputação ilibada. E por quem? Por verdadeiros ladrões, os quais gostam de assacar a todo mundo o que na verdade são.

Se uma inteligência surge nesta terra, logo todos os ressentidos e invejosos erguem-se para combatê-la, quando não empregam a tática do silêncio, tentando anulá-la. Basta um pobre e medíocre literato ou artista fazer qualquer coisa de somenos importância, para todos os seus pares, outros tantos como êles, fazer côro do elogio desabrido, atrevido e ridículo. Mas, se realmente tem valor, ei-los a atacá-lo, a anulá-lo, a negá-lo, a inventar que a obra não é dêle, é feita por outros, pagos règiamente para permitir que alguém lhe aponha o nome, etc. Se é um homem público, logo o acusam de desonestidade. Não é preciso relatar o que se passa, basta apenas advertir o leitor. Nosso jornal procede, por ora, nesta primeira escala de sua ação, por advertir o leitor, mostrar-lhe o que se passa, o que se faz, o que se empreende neste país, para que possamos, a seguir, analisar, mostrar seus erros, sua falsidade, e propor, afinal, a melhor solução.

Em suma, brasileiro bem intencionado que lê êste jornal: cautela com o desrespeito à reputação alheia. Portanto, cautela com o que propalam, com o que dizem. É preciso verificar a procedência do que dizem. Se não é possível, é melhor pôr em quarentena a informação. Lembremo-nos que a infâmia anda à solta. Houve homens públicos, no Brasil, como um Borges de Medeiros, que foram acusados muitas vêzes. Mas quando morreram, nada deixaram para as suas famílias, porque, por amor às suas idéias, boas ou más, pouco importa, não tiveram tempo para cuidar de si, mas apenas do que julgavam melhor para o seu povo...

Brasileiro, por favor, luta pela tua liberdade. Não deixa que as más sugestões viciem o teu julgamento, acautela-te para não tomares parte no côro dos que infamam, dos que caluniam, dos que solapam reputações dignas de respeito.

A. M.

(Continuação da 1.ª pág.)

veríamos ter um tom mais polêmico e cáustico, esquecem que quando se ergue a voz se está a ponto de perder a razão.

Queremos, por outro lado, ser como somos. E prosseguiremos assim. Precisamos de amigos, apenas de amigos. Nossa vitória será também a vossa, companheiros, porque nada mais somos que a vossa voz que se propaga, que a vossa vontade que atua, que a vossa consciência que se afirma, que a vossa esperança em busca de realização.

A Redação

Em tôdas as boas livrarias

«ORIGEM DOS GRANDES ERROS FILOSÓFICOS»

de Mário Ferreira dos Santos

Uma obra que nos mostra de onde se originam os grandes erros no filosofar. Pedidos pelo reembôlso para DISTRIBUIDORA DE LIVROS SAO NICOLAU LTDA. — Rua Bittencourt Rodrigues, 120 e 136 — Tel. 37-6484 — S. Paulo

Os grandes temas que surgem em tôrno do problema histórico, do econômico, do sociológico e do político, que preocupam as mentes modernas, são examinados proficientemente na coleção

«O PROBLEMA SOCIAL» — 9 vols. encadernados — 2.ª edição.

de **Mário Ferreira dos Santos** — o mais enciclopédico autor brasileiro de todos os tempos. Compõem a coleção: «Tratado de Economia», em 2 vols., «Filosofia e História da Cultura», em 3 vols., «Análise de Temas Sociais», em 3 vols., e

«O Problema Social», em 1 vol.

Vendas também pelo crediário, em suaves prestações. Pedidos para a Livraria e Editôra LOGOS Ltda., rua 15 de Novembro, 137 — 8.º andar — Tel. 35-6080. Pedidos, também, pelos tels.: 33-3892 e 31-0238.
A Praça da Sé, 47 — 1.º andar — S/ 12 — SÃO PAULO.

DECADÊNCIA NACIONAL?

A simples colocação da interrogação já indica uma dúvida. Fala-se muito, entre nós, sôbre a nossa «decadência». Somos um povo que retrocede, que olha para o passado, que já começa a recordar o que fêz e o que foi.

Realmente, se voltamos os olhos para os tempos do 2.º Império, vemos aquelas figuras másculas, vemos êsse imenso, grande e desconhecido dos brasileiros, que foi o Visconde de Mauá, mais compreendido e respeitado em outros países do que aqui. Se recordarmos o que fomos como potência e o que somos hoje, realmente nos enchemos de amargura e de nostalgia. Não poderíamos falar de **decadência** sem que primeiramente disséssemos o que é, o em que consiste realmente a decadência. Como êsse tema ultrapassa os limites de uma nota, voltará a ser tratado com melhor carinho em próximas publicações. Mas, precedendo em parte ao que em breve será tratado, poderíamos dizer que, na palavra decadência, está encerrado mais de um conceito, o que tem levado a algumas confusões bem graves.

Assim declinar, descer, cair, partir para baixo, é decadência quando se procurasse o que está em baixo, ou seja, quando especulamos com a baixa dos valôres. Nêsse caso, tôda a nossa época é de decadência, porque especulamos desenfreadamente na baixa. É contra essa especulação desenfreada que nos movemos. Declinar nos valores culturais, nos meios de expressão, de transmitibilidade de emoções ou de idéias, no repetir friamente, no rebuscar falsas originalidades para encobrir a deficiência do conteúdo com os continentes de aspecto excitante, no ter como temas os momentos depressivos, inferiores do homem, para provocar uma compaixão intencionalmente procurada, deprimindo ainda mais aquêles a quem se dirige, no empregar as formas mais canhestras para esboçar simplesmente, quando é apenas uma escolha intelectual, dirigida pela vontade lógica, no pronunciar sons vazios de sentido ou descrever formas vazias de almas, é cair, é decadência. Neste caso, ainda, estamos em decadência. E assim o dizemos porque há decadência e muitos de seus representantes dominam as letras, os postos superiores da intelectualidade do mundo inteiro. Ressentidos com a vida, angustiados e incapazes de vencer sua angústia, dominados por seus desesperos mais intelectuais, e animados por uma feminilidade confundida com alma artística, com certo sadismo manifesto na apreciação do doloroso, do híbrido, do doentio, do mórbido, do demoníaco, julgam que fazem obra benéfica ao homem, quando pintam, retratam, reproduzem, espelham as misérias, as fraquezas, as covardias, as indignidades humanas.

Não conhecem aquêle irmão viril da compaixão de que falava Nietzsche, aquêle sentido másculo de revolta ante a dor injusta, ante a injustiça, aquela indignação moral que, para surgir, exige desde logo alma varonil, espírito elevado, dignidade, porque só se indignam moralmente os que têm brio.

A êsse sentimento nem as nossas línguas ainda lhe deram um nome. Não o mereceu por ser raro. A compaixão comum, a pena, são fáceis de fazer vibrar as cordas emocionais de qualquer ser humano. A outra exige, antes de tudo, alma digna. É normal sua quase total ausência...

Mas, continuando no exame do que é nosso, que reflete em grande parte o que se verifica em quase todo o mundo, cada dia que passa, sentimos que se guindam aos postos mais altos os piores. Há uma seleção cuidadosa dos valôres mais baixos.

Os grupelhos organizados, quer na política, como nas letras e nas artes em geral, constroem resistências terríveis aos valôres independentes. O auto-elogio, que é o mais destrutivo possível, consegue esvaziar cedo as possibilidades de criação de muitos escritores. É triste ver o espetáculo, no Brasil, de tantos escritores que julgamos já mortos e, no entanto, com surpreza e espanto, sabemos que ainda vivem. Houve quem dissesse que as maiores obras brasileiras estão nas gavetas. E de nossa parte podemos dizer que é verdade. Conhecemos muitas obras de autores que nunca iriam pedir a editôres a publicação, temerosos de serem confundidos com alguns senhores das páginas literárias dos jornais, revistas etc. Há trabalhos profundos, obras de investigação, estudos cuidadosos de grandes problemas nossos, obras de ficção, que ultrapassam o campo do candidatismo ao «best-seller» máximo ideal de pseudos-escritores, que, para tal, fazem tôdas concessões aos leitores medíocres, para proclamarem, depois, orgulhosamente, a **quantidade** de leitores que tiveram. Que conseguem êles senão a mesma gloríola dos grandes craques, cujos nomes já ninguém mais conhece.

Em tôdas as eras houve dêsses caçadores de notoriedade, e êles, realmente, conseguiram alguma coisa dentro da estreiteza dos tempos, acompanhados do silêncio posterior dos estudiosos e dos bons leitores. Mas, hoje, êsses ansiosos de **cartaz**, máximo ideal de medíocres, dominam, pululam, dirigem editôras, controlam jornais, revistas, rádios, e impõem (o que é pior) a ditadura do seu mau gôsto e da sua ignorância. O máximo que atingem na literatura é relatar os fatos cruéis e inferiores da vida, através de reportagens sem distinção, que êles chamam, depois, de romances, ou escrever versos cerebrais, rebuscados, em que sentimos desde logo o supremo e fatigante esfôrço do pobre poeta à procura da originalidade à custa dos maiores malabarismos; na pintura aproveitar-se da liberdade criadora da arte moderna, para encobrir sua incapacidade de criar, inventando, desde

(Conclusão da 3.a pág.)

logo, um **ismo**, que, **a priori**, justifica a obra e, na filosofia, nas ciências sociais, o máximo é atingir à filosofia de Marx, lê-lo (e não entendê-lo), comentá-lo, segundo as últimas disposições de Moscou, explicar tudo, tudo, tudo pelo materialismo histórico, falar em dialética e não saber aplicá-la, senão para justificar os ataques de hoje aos elogiados de ontem, e os elogios de hoje ao atacado de ontem e, na política, falar em democracia sem procurar sentir o que há de mais profundo nêsse conceito, sem procurar estudar a realidade nacional, que não é aquela dos jornais nem dos literatos falseadores, nem dos doutorescos discursos dos políticos.

Desde já fique clara a nossa atitude ante tais campos. Não aspiramos ao cartazinho, nem queremos notoriedade. Não exploramos o que há de baixo no homem. O homem precisa amar um ideal de superação, precisa desejar e querer realizar o que até lhe pode parecer, à sua visão deformada pela mediocridade, impossível. É muito fácil, por covardia, por displicência, por incapacidade, exclamar «que é assim porque sempre foi assim», ou, então, essas famosas frases já conhecidas de que «é preciso viver segundo as condições do tempo», como se não fôsse o homem um ser capaz de fazer a história, embora dela sofra sua influência. É preciso ver o homem dialèticamente como criador e criatura, como agente e paciente, como atuante e como atuado. Aqui as sínteses, quando querem reduzir os dois têrmos opostos a um só, são, além de perigosas, falsas. Um bom tema para o futuro: o papel decisivo das idéias na história do homem. Numa época, como a nossa, em que muitos repetem, como bons ecos, de que é apenas a economia que dirige a história, êsse tema já receberá dêsses **ecos** um sorriso de superioridade, ou um gesto de repulsa. Mas voltaremos a seu tempo.

T. A.

Contradição entre Marxistas

Quando um deficiente intelectual marxista (como o são muitos, senão quase todos) diz que os antigos (e aqui quer referir-se de cambulhada a idealistas, racionalistas, escolásticos, etc.,) não compreendiam que uma coisa é algo móvel, algo que devém, que está em constante vir-a-ser, e que, portanto, é impossível considerar-se tal coisa estàticamente, como o faziam tais filósofos, diz tolice e da grande. Em primeiro lugar, será que não desponta no cérebro de tais cavalheiros que os antigos também percebiam que uma semente se torna arbusto, êste em árvore, e que esta se cobre de flores e dá frutos etc? Será que os antigos não tinham essa **acuidade** mental (em paralelo com tais gênios modernos), que não fôssem capazes de verem também, tais mutações? Tais afirmativas seriam trágicas se não fôssem tão ridículas.

Mas o que acontece é o seguinte: o arbusto não é a contradição da semente, nem a árvore a contradição do arbusto. São apenas virtualidades que se realizam numa escalaridade, segundo uma lei. São momentos distintos, opostos sem dúvida, não contraditórios. O contraditório é uma oposição entre ente e não ente, que afirma presença e simultâneamente ausência. Há contradição quando se afirma simultâneamente, e sob o mesmo aspecto, a presença e a ausência da mesma coisa. Ora, o arbusto não é a presença e a ausência simultânea da semente, nem a árvore quanto ao arbusto. Se a semente continha de certo modo potencial o arbusto, êste conserva de certo modo, potencial epimeteicamente, a semente, etc. Não são contraditórios, porque afirmar o arbusto não é afirmar a semente na sua atualidade, nem afirmar o arbusto atual. Os antigos já haviam estudado as mutações e Aristóteles escreveu um livro extraordinário sôbre o assunto. Mas êsses cavaleiros (porque camaradas não são uns dos outros, já que vivem devorando-se uns aos outros) desconhecem tais estudos e, por isso, arvoram-se em novos colombos do que já foi descoberto, mas confusos, porque o que estava claro passa a ser obscuro nas suas mentes. A contradição implica a oposição entre ente e não ente, presença e ausência do mesmo no mesmo sob o mesmo aspecto e simultâneamente: contrariedade é a oposição entre ente e ente, e os contrários podem ser e são positivos, e podem ser simultâneos. Um ser humano não contradiz a si mesmo porque é hoje adulto, quando antes era jovem. Há algo que é o mesmo através dessas mutações. Um estado pode substituir o outro, sem contradizê-lo, pois as mudanças se dão no mesmo, embora indiquem estados distintos.

Perdoem-nos êsses senhores. Mas aconselhamo-lhes que estudem melhor a matéria, e evitarão, assim, de andarem propagando trevas. Não é apenas neste ponto que os marxistas são deficitários. É em quase tudo. O déficite de idéias encontra ressonância em mentes primárias, e não é de admirar a propagação de idéias dêsse jaez. O que é imperdoável é a auto-suficiência que os domina, a presunçosa e atrevida atitude tão própria do ignorante que, ao saber alguma coisa, logo julga que já sabe tudo...

N.

Difunda êste jornal, adquirindo-o em sua redação e distribuindo pelos amigos.

Este é um jornal de cultura. Deve o leitor compreender que sua divulgação não será facilitada pelos meios comuns.

Proletário, Esta Página te Pertence

Um proletariado inculto não poder á alcançar um nível mais elevado de bem-estar — Sem aumento d a produtividade, não há melhoria real nos salários — Um proletaria do que luta contra si mesmo: o proletariado do Brasil!

Como não somos políticos, nem temos intenções eleitoreiras, nem vocação para líderes de trabalhadores, nem demagogos, que apenas desejam fundar seus benefícios sôbre a miséria alheia, de modo algum nos poremos a fazer reverências, a tecer elogios, a prestar homenagens, a bajular os trabalhadores, lançando mão daquele vocabulário já famoso e daqueles chavões, que os eternos exploradores do povo costumam empregar.

Não nos interessa a política, porque não temos vocação para coisas sujas.

O que nos interessa é dizer certas verdades, doam a quem doer.

Há uma verdade comprovada, uma verdade prática na economia e na política.

Onde há grande miséria, há ricos escandalosamente ricos.

A grande fortuna, ganha por meios escusos, só pode fundar-se na corrupção, e esta exige a ignorância, porque sem ignorância não há vítimas fáceis, não há defraudados aos montes.

Onde há menor miséria, há menor número de ricos escandalosamente ricos.

Para que proliferem os «gangsters» sancionados por leis é mister ignorância e uma falsa elite de intelectuais que não se interesse pelas coisas do país ou, então, que explore politicamente as massas, porque êsses amigos dos trabalhadores de hoje serão os escandalosamente ricos de amanhã. Procurem que os acharão, e que a regra é geral. Se há excepções, é capaz de perceber-se que houve alguma coisa errada por parte do demagogo que não soube aproveitar a oportunidade. Algum êrro lamentável...

Outra verdade, que é preciso que se saiba, é que não há povo que consiga consumir mais do que produz, a não ser que receba favores do estrangeiro.

Como pode ter melhor padrão de vida a nossa gente se o índice de produtividade é baixo em relação aos povos mais adiantados do mundo? Não há milagres aqui. Se o nosso trabalhador quiser melhorar de vida tem de deixar de pedir leis a seu favor, mas construir costumes, bem defendidos por êle, a seu favor. Quem produz, quem é capaz de realizar mais do que qualquer pseudo-trabalhador, tem fôrça moral para ir ao patrão e exigir seus direitos. Mas o patrão, se quiser atender o trabalhador, não pode, porque outro, que não cumpre a sua obrigação, apela para a lei, e quer equiparação de salário. Tudo isso vem em benefício do trabalhador? Não. E por que se procede assim? Procede-se assim, porque, dêste modo, a produtividade não aumenta e então acontecem estas coisas:

1) não havendo produtividade, o Brasil será sempre um país atrazado, e isto convém aos senhores do mundo, que não querem que um país, que possui quase nove milhões de quilômetros quadrados de terra rica, entre no mercado internacional como potência;

2) o trabalhador, não produzindo o seu salário, nunca tem um aumento real, mas apenas em cifras, porque os preços sobem numa proporção até maior;

3) um proletariado pobre é um proletariado ignorante e fàcilmente manejável pelos politiqueiros de tôda espécie, presa fácil dos demagogos;

4) um proletariado miserável não tem reservas, e não tem assim meios de organizar a luta pelo seu bem-estar;

5) sendo pobre é mais fàcilmente explorado em suas necessidades, e pagará muito mais do que deve pelo que precisa.

6) Dêste modo os escandalosamente ricos poderão se tornar cada vez mais escandalosamente ricos;

7) os homens empreendedores, que querem trabalhar honestamente na indústria e no comércio, não podendo mobilizar capitais e ajudar os trabalhadores a libertarem-se, têm de permanecer subordinados ao capital financeiro, e presos ao mercado negro de moeda, o que é um fator de encarecimento, o maior fator que há neste país;

8) conseqüentemente, os preços têm de ser altos, sem que tragam benefícios a quem trabalha como operário nem ao patrão pequeno e médio, sempre com a corda no pescoço e a espada de Dámocles (boa tirada! muito empregada e abusada) sôbre a cabeça, de modo a não poder unir-se ao trabalhador para uma luta reivindicatória em benefício da maioria;

9) um proletariado ignorante receberá os agentes dos poderosos, trasvestidos de amigos do povo, como líderes e salvadores e dêste modo passará a transformar-se em massa eleitoreira para eleger precisamente os representantes dos escandalosamente ricos e exploradores.

10) E o resultado final é isso que está aí...

E disso não sai o trabalhador por nenhum dos meios oferecidos. Não sai por meio de eleições, porque mesmo que elegesse homens competentes e honestos, êstes estarão to-

lhidos pelos interêsses criados, organizados em grupos de «gangsters», apoiados pela lei e oficialmente reconhecidos.

Não sai entregando-se nos braços dos revolucionários canhotos, porque êstes não libertam ninguém, mas substituem algemas por outras mais duras e terríveis.

Então que é preciso fazer?

O que se deve fazer é que a juventude inteligente e honesta, que ainda há e muita, em vez de servir aos dois lados, ingênuamente ou maliciosamente, cuide de tornar-se mais capaz de lutar pela elevação das massas à cultura, por meio de formas cooperacionais, em que se unirão pequenos esforços para realizar ações fortes e poderosas.

Em vez de se prestarem ao papel de agitadores vulgares e estúpidos, tornem-se mestres de libertação real. Primeiro, aprendendo mais, estudando mais, pensando mais em servir aos outros do que em estudar meios de fazer os outros servirem a seu favor. Segundo, buscando aplicar formas simples e reais e não quimeras tolas em benefício dos que precisam e só podem contar com a boa vontade assistida pela inteligência dirigida para fins justos e humanos.

Aprendam a libertar-se para libertar os outros.

E quanto a ti, trabalhador, lembra-te que tôda vez que diminuires teu ritmo de trabalho, tôda vez que produzires menos, pagarás em dôbro o de que precisas, porque o que tu produzes será mais caro, e outro comprará mais caro, mas, em compensação, comprarás mais caro o que outro produziu, fazendo o mesmo que tu.

E no meio disso tudo, só um não perde. O intermediário encarecedor, porque êste não se preocupa que produzas menos, porque pagarão mais. E êste continuará gozando a sua «dolce vita», porque êste é o maior propagandista da «dolce vita», porque tendo o endereço dos dois (do que produz e do que consome) fica com a parte do leão.

Vamos, amigo trabalhador, vê se ficas um pouco mais inteligente. Só ganharás com isso.

NOTA: — O artigo que publicamos no número anterior, houve quem afirmasse que o mesmo era demagógico, apesar de nossas reiteradas manifestações contra a demagogia. Mas é fácil estabelecer que não há procedência na acusação. Quem afirmou tal coisa sabe que o têrmo demagogia vem do grego **gogia,** que significa condução e **demos,** que significa povo, condução do povo, ou liderismo popular. Chamavam demagogos a êsses líderes populares que, como os de hoje, também acabaram por tornar o têrmo demagogia um têrmo pejorativo, significando a ação política que tende a mover o povo para atos destrutivos ou para uma política de destruição. O demagogo nunca foi criador, nunca estabeleceu normas positivas de ação. Sempre explorou o natural ressentimento das multidões para seu benefício e todos, na História, terminaram sátrapas, vivendo à custa do sangue e da vida daqueles que os apoiaram. Ora, se se ler com atenção o que escrevemos naquele artigo e neste, não se encontrará nenhum laivo de demagogia, mas, sim, de um incitamento para que homens trabalhadores construam uma visão construtiva da vida. Outros nos acusaram de escrevermos num tom que o proletariado não entende. Enganam-se. O proletariado é mais inteligente do que julgam êsses críticos, e sabe onde lhe dói a pedra no sapato. Ademais, o que escrevemos destina-se, sobretudo, aos que, movidos por intenções honestas poderão orientar o proletariado para um caminho que o afaste de seus eternos exploradores.

Se êste jornal corresponde ao que desejava, ajude a difundí-lo, obtendo leitores do mesmo grau que o seu.

Os Jesuitas e Darwin

Em 1959 comemorou-se o centenário da publicação da obra principal de Charles Darwin «A origem das espécies». Em homenagem a essa obra, que abriu um novo campo de discussões biológicas e antropológicas, os jesuítas organizaram, na Alemanha, com a colaboração de autores jesuítas especializados de todo o mundo, uma obra de grande valor «Das stammesgeschichtliche Werden der Organismen und des Menschen» («Origem histórica da transformação dos organismos e do homem»). Esta obra teve uma edição espanhola, lançada na famosa coleção BAC, Biblioteca de Autores Cristianos, com o título de «Origem da Vida e do Homem», que já se acha à venda entre nós, e que deveria ser lida por todos aquêles que não estão comprometidos pelo sectarismo filosófico. Há muitas pessoas, influídas pelo positivismo, pelo voltairismo e pelo materialismo ingênuo dos séculos XVIII e XIX, que julgam que obras provindas do setor católico são obras superadas. Ainda não nos mostraram essa superação, porque os exemplos de superação que oferecem são ludíbrios da inteligência humana, e nada mais. Como há um preconceito muito geral em certas camadas intelectuais de que a escolástica é o que êles caricaturalmente representam, julgam que «não devem perder o seu tempo» em ler tais obras, mas, sim, e apenas, as equívocas e pretenciosas baboseiras que falsos sábios e intelectuais confusos produzem para gáudio de basbaques e ignorantes, e que outros, mais atrevidos ainda, proclamam como os novos oráculos do saber.

O preço dêste número é de Cr$ 100

Os sinais, um tema de máxima atualidade

Hoje em dia, em face do desenvolvimento das chamadas lógicas matemáticas, lógicas simbólicas, etc., e da proliferação de livros sôbre o tema dos sinais e da Lógica, não podemos deixar de contribuir, dentro de nossas fôrças, com algo no intuito de dissipar tanta treva, tanta sombra, tanta confusão que se faz aqui, que mais tem servido para confundir os já confusos, e ameaça precipitar naquela aquêles que ainda não foram arrastados para êsse abismo.

Sabemos que a incumbência que assumimos é vasta e difícil. E sabemos que assim é, porque teremos de traduzir para uma linguagem acessível a todos o que é acobertado por sombrias expressões que ocultam, na verdade, não algo realmente profundo, mas apenas um pântano de águas sombrias.

Assumiremos, portanto, uma série de compromissos, que passamos a enumerar:

1) que o conceito de sinal, como é comumente aceito por tais autores, além de confuso é falso;

2) que a lógica matemática, quanto às suas contribuições verdadeiras, estas já estão contidas na Lógica clássica, as outras são por sua vez falsas;

3) que a problemática apresentada é produto de deficiência e não de proficiência;

4) que a quase totalidade dos chamados lógicos modernos, que seguem o que freqüentemente se chama logística, pensam que a lógica clássica é apenas a Lógica Formal, e quase nada entendem da Lógica Predicamental, la Lógica Material e da Lógica Demonstrativa, nem das mais altas investigações da boa Dialética;

5) que essa lógica, em vez de desenvolver mentalmente o homem, tende a mecanizá-lo;

6) que há uma série de problemas lógicos, que ela não é apta a resolver, enquanto seguindo-se os caminhos da lógica clássica são êles solucionáveis;

7) que no âmbito da lógica simbólica, e entre os logísticos em geral, há uma heterogeneidade de opiniões e que cada um repele o que o outro diz, havendo entre seus seguidores controvérsias que ultrapassam os limites do ridículo e raiam os da loucura;

8) que a maioria revela um atrevimento tolo e caricaturiza o que foi feito, quando não maliciosamente deforma o que se realizou, com inequívoca manifestação de má fé;

9) que são considerados como «sumidades», rematados tolos pretenciosos;

10) que, enfim, se queremos lutar por algo que leve avante os estudos lógicos, precisamos saber percorrer com sinceridade e honestidade os caminhos que foram traçados pelos grandes gregos e pelos escolásticos, sob pena de estarmos rejeitando um patrimônio cultural que não pertence a nenhum setor, mas, sim, à humanidade.

Seguiremos êste caminho, como dissemos, dentro dos limites de nossas fôrças, mas com o intuito de contribuirmos, não para aumentar trevas, mas para dissipá-las.

O QUE É SÍMBOLO?

Como êste têrmo, entre muitos logísticos (quase todos) tornou-se sinônimo de **sinal,** vamos examiná-lo, para demonstrar que há total improcedência nessa sinonímia, que mais atende a intuitos confusionistas do que de esclarecimento.

A palavra **símbolo** vem. como todos sabem, do grego **symbolon,** que por sua vez provém do verbo **symballein,** formado de **syn** e **ballô. Ballô** significa atirar, lançar e assim, neste sentido, os empregaram os gregos; e **syn,** quer dizer junto, ao mesmo tempo, e é representado pelo nosso **com.**

Por sua vez, o têrmo símbolo, entre os gregos, era um sinal de reconhecimento. Primitivamente, ao tomar-se um objeto, e cortando-o em dois (como uma moeda), para que servisse como sinal de amizade ou de reconhecimento, chamavam-se de símbolos essas partes que, reunidas (**symballô**), serviriam para reconhecer os portadores e provar as relações da amizade anteriormente estabelecida, como se fazia em relação aos hóspedes, para que, no futuro, fôsser reconhecidos por tais sinais, etc. Dêste sentido geral, partiu para outros mais específicos, sobretudo como imagem sensível, para representar uma realidade supra-sensível. Neste sentido, o báculo dos reis, báculo do pastor, como pastor dos homens, o círculo como imagem sensível que aponta à realidade supra-sensível do infinito, etc. **Neste sentido foi usado por séculos e séculos pelas religiões, e por todos os homens do mundo ocidental.** Neste sentido, fala-se no simbolismo das religiões, do direito, da política, etc. Mas era preciso mostrar-se moderno. Era preciso criar uma novidade. Estamos na época do homem de negócios, criador de novidades, que lança com novos rótulos e novas denominações, velhos conteúdos. Então surgiram os «inovadores», como o sr. Ogden, o sr. Charles Sanders Peirce, o sr. Charles W. Morris, o sr. Richards, o sr. Russell e outras «sumidades» modernas, e resolveram que símbolo = sinal. São sinônimos pronto, iguaizinhos. Acabe-se com essa coisa de se querer que símbolo seja uma espécie de sinal. É sinal apenas, e nada mais. E **avançou-se** dêste modo um passo à frente no conhecimento. Assim a rapôsa, como símbolo da astúcia, é a mesma coisa que qualquer outro sinal, como a luz verde, no trânsito. Ora, compreendendo-se que no símbolo há uma participação formal com

o simbolizado, o símbolo oferece uma analogia com o simbolizado, como muito bem o demonstrou Mário Ferreira dos Santos em seu «Tratado de Simbólica». Assim o entenderam as religiões. As máximas pitagórias, que se referem a analogias não intrínsecas, mas extrínsecas, são **alegorias**, que é uma espécie de símbolo. Assim entenderam as religiões de todos os tempos, e em todos os países, em todos os ciclos culturais. Mas os geniais criadores da logística resolveram acabar com isso. Símbolo = sinal, e nada mais. Não é espécie, não; não tem nenhuma diferença específica, é igual ao gênero.

Mas que **bestial progresso**, como exclamaria um lisboeta!

Mas senhores, o símbolo é um intermédio entre o sinal natural e o sinal convencional. Tratemos, pois, dêste ponto.

VISÃO PROPEDÊUTICA DO QUE É SINAL

Os estudos sígnicos não foram iniciados pelos que atualmente tratam dos mesmos, pois já os gregos haviam se dedicado a êles, e os escolásticos desenvolveram obras extraordinárias sôbre o tema, totalmente desconhecidas dêsses novos colombos retardados. E faziam-no com mais proficiência e segurança, porque, munidos de melhor **mens philosophica**, e de maior disciplina mental, eram capazes de dar à matéria uma segurança que permitia a sua homogênea aplicação, e não a confusão que ora se observa em que uns, açulados pelas idéias confusas, acusam os outros de confusão, tornando-se o campo dos estudos sôbre os sinais, modernamente, o mesmo saco de gatos que criaram na estética, e sôbre o tema dos valôres, que deu ensanchas a tanto literato malogrado vir distilar sua profunda ciência nesse campo, onde os mais fantásticos palpiteiros deram os mais fantásticos palpites.

Ora, o ser humano é um ente composto de um corpo e de uma mente (estrutura psíquico-somática do homem), e essa mente, como é fácil compreender, é algo que o distingue, especificamente, dos outros animais, porque o homem é um ser capaz de julgar, raciocinar, apreciar valôres, buscar os nexos das coisas, captar possibilidades de possibilidades, traçar rumos para a sua **práxis**, etc. E isso chama-se **racionalidade**. É, pois, um animal racional (alguns irracionalistas poderão estremecer de repugnância ante esta afirmação, e outros, que não acreditam na inteligência humana, por experiência própria, são capazes de sorrir. Mas, sorrir senhores, não o fazem os animais. Êstes apenas fazem esgares, não são capazes de sorrir, pensem bem nisto, e, pronto, desaparecerá o sorriso).

Essa situação do homem (lamentável para alguns) leva-o a ter pensamentos, e como vive com seus semelhantes, tem de comunicá-los para que êstes o entendam. E terá que usar algum meio para fazê-lo, e êste meio é o que se chama **sinal**, o que assinala, o que aponta ao que pretende comunicar. Dêste modo, e aqui parece haver total aceitação, **sinal** é algo que aponta a outro que êle. Mas neste sentido, sinal estaria sendo tomado em **latíssimo sentido**. E é simples, porque êsse apontar a outro que êle é uma relação que implica outro têrmo, o haver algo que o entenda. Dêste modo, sinal é algo que aponta a outro e o torna pelo menos cognoscível a outro. O sinal está, pois, em lugar de outro, que é o assinalado, que êle aponta, indica.

Portanto, o sinal requer: a) alguma coisa significante (sinal); b) a coisa significada (assinalado); c) o nexo entre êle e a coisa significada (a espécie dêsse nexo é que estabelece a espécie de sinal, senhores logísticos); d) o sujeito cognoscente, ou seja algo apto a compreender o que aponta o sinal, pois um sinal que não tenha essa relação não é sinal para nada.

Dêste modo, se vê fàcilmente que sinal teria de ser estudado no âmbito da categoria da **relação** e, portanto, sujeito a ter as propriedades que tem a relação, já que as propriedades do gênero são também propriedades da espécie.

Assim o sinal une, por meio de algo, uma coisa significada ao cognoscente.

Mesmo quem não conheça bem as regras da divisão e da disjunção, logo perceberá que um sinal ou é dado pela natureza (sinal natural), ou é escolhido pelo homem (arbitrário). É possível ainda ser dado pela natureza e arbitràriamente ter um aspecto signalativo dado pelo homem (que é o caso do símbolo, como ainda veremos).

Então, temos: sinal natural arbitrário ou convencional.

Natural é o sinal instituído pela natureza, como a fumaça, que é sinal do fogo.

Arbitrário ou convencional é o estabelecido pela vontade (arbitrária) de um ser inteligente, que convenciona que signifique isto ou aquilo.

O **sinal natural** ou é **imagem** (no lat. **imago**, no grego **eikonos**, de onde **ícono**, empregado pelos modernos estudiosos da matéria), ou não é imagem.

É imagem quando representa outro por semelhança; quando não representa dêsse modo, não é imagem.

A imagem pode ser instrumental ou formal. O primeiro sinal é o que, mediante prévia notícia de si mesmo, representa outro que êle;

formal o que, sem prévia notícia de si mesmo, representa imediatamente outro que êle. A estátua é uma imagem, e é um sinal instrumental.

O gemido é sinal natural instrumental da dor; o sinal verde do trânsito um sinal instrumental arbitrário. O conceito formal é um sinal formal (forma intencional), pois sem prévia notícia de si mesmo representa outro que si mesmo.

Assim a palavra é um têrmo oral, uma voz, um som

ou não, articulado ou não, que significa alguma coisa. Tem uma universalidade de significação, pois aponta para um conceito. Êste, por sua vez, também sinal, tem uma universalidade de representação, pois significa a forma intencional. Até aí um nominalista, que tenha alguma firmeza mental, pode chegar. O resto vem depois, e já exige mais, como veremos.

Partindo-se dêstes conceitos simples, podem-se esclarecer outros muito comuns: **símbolo**, como vimos, é um intermédiário entre o sinal natural e o convencional; o **indício (index** para alguns modernos), chamado pelos antigos **vestigium**, é um sinal instrumental.

Esta rápida explanação, contudo, tem apenas uma intenção: dar as noções gerais para que se possa discutir a **teoria dos sinais**, e nos permita fazer, nos próximos números, algumas análises sôbre o que se tem escrito modernamente pelos colombos retardados de nossa época. Mostraremos que essas novas descobertas da pólvora são apenas velhos conhecimentos indevidamente esquecidos, mas que têm um aspeto negativo: deficientes e confusos, num terreno onde havia clareza e proficiente. O leitor não perderá por esperar.

N. T.

Se nos apoia, apoie os que nos apoiam, anunciando em nossas colunas, permitindo que esta folha possa chegar às mãos do maior número e possa auxiliar os que desejam lutar contra as trevas.

PRÓXIMAS EDIÇÕES DA EDITÔRA MATESE

A Editôra MATESE lançará em breve as seguintes obras:

«**Dos Sinais**» — de João de São Tomás, tradução, notas e comentários de Mário Ferreira dos Santos. Eis uma obra clássica sôbre um tema atual, que foi tomado com clareza e precisão por êsse famoso autor (**De Signum secundum se**), em contraposição à maneira confusa e bárbara como é tratado em nossos dias.

«**Do Primeiro Princípio**» (**De primo principio**) de Duns Scot, com notas, comentários e um prefácio sôbre a obra e o pensamento do famoso **Doctor Subtilis**, por Mário Ferreira dos Santos.

«**Sôbre a Verdade**» — Textos de Tomás de Aquino, sôbre o aspecto mais genérico desta matéria, de tanta atualidade, quando é comum, entre os que desconhecem os estudos já realizados sôbre tal tema, afirmarem, com ares de superioridade, que não há verdade, ou que interrogam «que é a verdade?», como se se tratasse de tema sôbre o qual nada se pode responder. A tradução, as notas e comentários desta obra são de autoria de Mário Ferreira dos Santos.

«**Diálogos de Platão**» em 12 vols. Traduzidos e comentados por Mário Ferreira dos Santos.

Estas obras são algumas que constituem a biblioteca Filosófica Matese», sob a direção de Mário Ferreira dos Santos.

Em breve anunciaremos seus próximos lançamentos.

AS NOSSAS ELITES

Realmente, um dos temas que mais preocupam, ou pelo menos deveriam preocupar o brasileiro que se sente responsável pelos destinos do país, é o que se refere às nossas elites intelectuais. Sente-se, normalmente, que há uma queda, se acaso comparamos o que somos hoje com o que já fomos, se se faz um paralelo da intelectualidade brasileira do fim do século XIX e princípios dêste com a que existe hoje, nesta segunda metade do séc. XX. A disparidade espanta, e sentimos uma distância que nos preocupa. O problema das nossas elites é um tema que deve ser colocado na mesa e sôbre êle realizarem-se grandes debates. Estamos realmente numa decadência pasmosa, onde apenas raras excepções ainda se impõem para afirmar que nem tudo está perdido?

CURSO DE ORATÓRIA E ARTE DE PENSAR

de MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

1) Curso de Oratória e Retórica
2) Técnica do Discurso Moderno
3) Práticas de Oratória
4) Métodos Lógicos e Dialécticos 1.º vol.
5) " " " 2.º vol.
6) " " " 3.º vol.
7) Curso de Integração Pessoal

Praça da Sé, 47 — 1.º andar — S/ 12 — Tel. 33-3892 — S. Paulo

À vista, com desconto especial, e pelo sistema de crediário.

Mentiras Históricas

Damos, nesta secção, uma série de mentiras históricas, que são esgrimidas pelos que desejam comprometer o passado, segundo os interêsses escusos que defendem, de modo a atirar a responsabilidade histórica de certos fatos a entidades escolhidas, que desejam malsinar, infamar, denegrir.

Vejamos alguns dêsses fatos, e a verdade correspondente:

A MENTIRA	A VERDADE
Diz-se que os mestres de Salamanca afirmaram que Colombo era um visionário. No entanto, êsse visionário descobriu a América.	Colombo não pretendia descobrir a América, mas um novo caminho para as Índias, e êste êle não achou. O que êle achou, foi o que era possível de achar para os que examinaram as suas pretensões: novas terras, não o caminho das Índias.
O clero espanhol combateu Colombo e tudo fêz para que êle não pudesse realizar a sua emprêsa. O que Colombo representava era alguma coisa que não interessava ao clero espanhol.	Não é verdade. O maior defensor de Colombo foi o cardeal primaz de Espanha, nessa época Mendonza, que tudo envidou para que o rei e a rainha auxiliassem Colombo. O confessor da rainha, que era o padre Perez, influiu decisivamente no auxílio que lhe foi prestado.
Os jesuítas foram os criadores da Inquisição, deram-lhe fôrça e perseguiram por meio dela os seus inimigos.	Não é verdade! A inquisição foi instaurada antes de nascer a avó de Loyola, e foi estimulada pelos príncipes. Por sua vez os jesuítas foram das maiores vítimas da Inquisição, inclusive Loyola, que esteve preso por quase 9 anos.
Galileu foi combatido pelo clero, porque suas idéias vinham a pôr em risco as concepções religiosas.	Não é verdade. Os mestres de Galileu foram os jesuitas, e o defenderam sempre. Suas idéias já eram expostas por homens de saber da Companhia de Jesus, que como se deve saber, sempre na primeira plana do conhecimento, têm os seus representantes.

Iniciamos hoje, com alguns apanhados. Mas são apenas alguns, porque em tôrno de Colombo e de Galileu há ainda muito que dizer, como há em relação a Paracelso, Giordano Bruno, Inquisição, Jesuítas etc. Também iremos compendiar mentiras filosóficas; ou sejam, postulados atribuídos a autores que nunca os defenderam. E provaremos com citações de textos e daremos provas para confundir aquêles que gostam de mentir, e mentir para embaucar a boa fé dos inadvertidos.

Continuaremos com as mentiras históricas e iniciaremos em breve as filosóficas.

Coleção de CULTURA MODERNA

De **Mário Ferreira dos Santos** — 14 vols. encadernados:

1) Filosofia e Cosmovisão
2) Psicologia
3) Teoria do Conhecimento
4) Ontologia e Cosmologia
5) Lógica e Dialéctica
6) O Homem perante o Infinito
7) Filosofia da Crise
8) Tratado de Simbólica
9) Noologia Geral
10) Sociologia Fundamental e Ética Fundamental
11) Filosofia Concreta — 1.º vol.
12) " " 2.º vol.
13) " " 3.º vol.
14) Filosofia Concreta dos Valôres

Vendas à vista, com desconto especial, e pelo sistema de crediário.

A Praça da Sé, 47 — 1.º andar — S/ 12 — Tel.: 33-3892 — S. Paulo

A vez do camarada Kruchev ... e outros virão, e cairão também

Em seu «**Análise de Temas Sociais**», na 2.ª edição, Mário Ferreira dos Santos previa a queda do sr. Kruschev antes do fim de 1964. A ascensão dos tecnocratas, com o apoio dos acadêmicos da famosa Academia de Ciências da URSS, era prevista para breve, o que acaba de acontecer com a ascenção ao poder dos camaradas Brezchnev e Kossagine, dois «tecnocratas».

Brezchnev é um tipo uranita, portanto violento, e de uma inteligência tardia, enquanto Kossagine, pelas suas condições caracterológicas, é mais calculista. Se o primeiro não **fizer renunciar** desde logo o segundo, êste fará o primeiro **renunciar.** Mas os dois prepararam o terreno de um terceiro, que irá herdar tudo isso.

A **doença** do camarada Nikita Kruchev **contaminou** os camaradas Adjubei, Satyukov, Kharlamov, Troyanovski e os outros, cuja lista será grande, imensa. Contudo, o que é de preocupar é que perdemos, nestes últimos meses, três esteios da paz: Kennedy, João XXIII e Kruschev. Penetramos, agora, num período difícil e confuso, que exige meditação, Comentar ou prever o que ainda poderá acontecer não é fácil. Contudo, há elementos bastantes para admitir como fortemente prováveis algumas possibilidades que podem ser posteriormente examinadas.

O camarada Kruschev, que ontem era **gênio,** é hoje «um intrigante carente de inteligência, propenso a conclusões precipitadas e a ações divorciadas da realidade, jactancioso e falador, autoritário e incapaz de levar em conta as realizações da ciência e as experiências práticas», como o classificou o «Pravda», órgão oficial do govêrno soviético. Nas últimas palavras, está o sinal do ressentimento dos «teocratas» e «acadêmicos», que representam a **intelligentzia** soviética. A Rússia ainda não se refez da conduta catastrófica da sua agricultura e da sua indústria, e apesar dos seus milhões de quilômetros quadrados de terra, viu-se forçada a importar 750 milhões de dólares de alimentos, e receber a **cooperação espontânea** da exportação de produtos industriais dos **países amigos,** que **livremente** entregam a preços baixíssimos, o que industrialmente produzem de melhor qualidade que o russo. Kruschev é acusado de manter imensos estoques de produtos soviéticos, calculados em bilhões de dólares, de péssima qualidade, que os russos se negam a adquirir. Imaginem que os russos se negam a adquirir tais produtos! De que qualidade, então, devem ser?

Mas tudo isso não é novo. Leiam os famosos relatórios de Lenine, de Stálin, de Malenkov, do mesmo Kruschev. Todos se queixavam, amargamente, da má qualidade dos produtos industriais, da incompetência dos «técnicos», etc. O ressentimento dêstes vem de longa data. Agora, atira-se a culpa sôbre Kruschev... Mas era êle que estava na direção das fábricas, era êle que empunhava a enxada e dirigia o arado, o trator? Era êle que administrava as emprêsas? Tornou-se, agora, a «cabeça de turco», o **bode expiatório** dos erros cometidos. A lista cresce... mas outros virão...

Na Filosofia só há uma autoridade: a demonstração.

Basta de **filodoxia,** de filosofia de meras asserções, invadida espùriamente por estetas malogrados ou duvidosos.

Basta de palpiteiros no filosofar. A mente humana já atingiu um grau capaz de demonstrar o que afirma, e de revelar o êrro palmar em que se fundam os negativistas.

As doutrinas negativistas baseam-se em erros elementares de lógica, por isso combatem a Lógica.

Fundam-se em erros elementares de ontologia, por isso combatem a Ontologia e a Metafísica.

Se quer lutar contra as trevas, acompanhe-nos.

Nós precisamos de companheiros audazes e persistentes.

Se quer que sejamos um povo de vergonha na cara, acompanhe-nos.

Nós precisamos de homens dignos e respeitáveis.

Se quer que se multipliquem entre nós os homens livres, acompanhe-nos.

Nós precisamos de homens que amem a liberdade.

Se quer que a vontade humana seja livre, acompanhe-nos.

Nós precisamos de homens de vontade de ferro, que desprezem o perigo.

Se quer arrancar o nosso povo da confusão de idéias, das falsas verdades, dos exploradores da sua fraqueza, acompanhe-nos.

Nós queremos ao nosso lado homens de brio, e que amem a sua pátria e a sua gente.

CARLOS MARIANO DA SILVA. DE GUARULHOS, ACHOU UM MILHÃO DE CRUZEIROS, E O DEVOLVEU AO DONO!

Reproduzimos da imprensa local esta notícia:

«O sr. Milton Lourel de Lima, comerciante em Guarulhos, informou que o jovem Carlos Mariano da Silva, residente à travessa Particular da rua Guarulhos n.º 200-A, naquela cidade, e entregador do «Estado», o procurou na madrugada do dia 25, para entregar-lhe um pacote com cerca de 1 milhão de cruzeiros, que o missivista, na véspera, havia, sem perceber, deixado cair no jardim de sua residência, à rua Dom Pedro II, 376, naquela localidade.

O sr. Milton de Lima afirma ainda que tratará para que o nome do rapaz fique consignado nos anais da Delegacia, em futura folha corrida de seus antecedentes.»

Será que nos anais da Delegacia ficou realmente consignado o fato? Ou será que algum dia futuro, quando alguém quiser saber alguma informação sôbre êsse jovem, algum «zeloso» funcionário não dê a seguinte informação equívoca: «Êsse rapaz andou alguns anos atrás envolvido num caso de um milhão de cruzeiros...; é o que sabemos sôbre êle, e nada mais». E não se admirem do que dizemos. Há anos atrás um motorista de praça achou uma maleta, que continha jóias, e a entregou ao dono. Tempos depois, desejando obter um emprêgo, teve como dado informativo essa equívoca declaração que constava da sua ficha: «Estêve, tempos atrás, envolvido num caso de jóias...» e, como era natural, fôra barrado no emprêgo. Sabendo do que se passava, um dos que compõem o corpo redatorial dêste jornal, levou à firma um recorte do jornal que relatava o caso. Felizmente, graças a isso, conseguimos-lhe um lugar de «fiel» nessa importante firma, cargo que êsse homem livre e digno ocupa hoje com plena satisfação de seus empregadores.

Leitor amigo, mande-nos recortes de notícias como estas. Não é fácil achá-las nos jornais, mas às vêzes, num cantinho de página, lá num lugar perdido, é possível encontrá-las. Nós agradeceremos tudo que fizer neste sentido. Ajude-nos a mostrar ao Brasil, que, nesta terra, também acontecem coisas dignas e respeitosas, e que nossa gente não é apenas aquela malta de bandidos, de indecentes e medíocres, que povoam as páginas de maior relêvo dos jornais.

NOSSA MANCHETE

Também êste jornal tem manchete. Só que alguns irão nos desculpar pelo fato de tornarmos manchete o que os jornais em geral não costumam fazê-lo, e dar relêvo de notícia ao que julgam que «não é notícia». Como não noticiamos, nem pretendemos fazer, o que representa os momentos vacilantes do ser humano, suas fraquezas, suas deficiências e suas claudicações, passamos, nesta secção, a noticiar apenas o que representa momentos altos, instantes em que o ser humano outra vez tange os padrões de dignidade, aquêles em que homens livres são capazes de empregar um ato de decência e de honestidade, numa época em que qualquer malandro enche a bôca de orgulho para relatar as suas trampolinagens, e é aplaudido por multidões de estúpidos que julgam que a astúcia e a malícia são exemplos de superioridade mental.

Portanto, aqui, só daremos manchetes que nos orgulhem e não aquelas que nos deprimam. Que nos perdoem os que gostam do contrário. Na verdade, nosso jornal não é feito para tais pessoas.

OBRAS DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

O mais enciclopédico autor brasileiro de todos os tempos!

Cerca de 300 edições e reedições, em 12 anos.

Tôdas as obras dêste autor acham-se à venda, à

Praça da Sé, 47 — 1.º andar, s/ 12 — Tel.: 33-3892.

O HOMEM LIVRE — Um esfôrço contra as trevas
Redação e Administração:
Praça da Sé, 47 — 1.º andar — S/ 12 — Tels.: 33-3892
e 35-6080 — São Paulo — Capital

Diretor responsável: Y. L. SANTOS

Os artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores.

CORPO REDATORIAL
Ro Chee Hsiung
Mário Sproviero
Azael Polastro
Nicolau Bruno
Nelson Nefussi
Raimundo Peralles Ayres
Colaboração especial de
Mário Ferreira dos Santos

POLÍTICA

O POR QUE DESTA SECÇÃO

No programa dêste jornal havia sido estabelecido um princípio programático: **não se trataria de politica, porque não gostamos de tratar de coisas sujas.**

Depois, considerando os tremendos estragos que os políticos realizam num país, e como entre nós sua ação nefasta é das mais terríveis, fomos forçados a tratar dela, como iremos fazer nesta página. Seremos obrigados, tapando o nariz, e vencendo os engulhos que nos provoca, tratar **dessa coisa suja e torpe que se chama política,** o maior entrave para o progresso humano. Mas o faremos, não para fazer política, porque desprezamos os cargos públicos, mas apenas para denunciar a sua deletéria ação, seus efeitos repugnantes, para tentarmos despertar em alguns, pelo menos, um melhor faro e uma sensibilidade mais acurada, para que sintam o cheiro nauseabundo que ela exala, que nem todas as narinas são capazes de sentir.

Pois bem, quem tiver narinas de bom cheirar, que cheire...

POLÍTICA O QUE DEVERIA SER, MAS O QUE NA REALIDADE É

Sem dúvida, sabemos nós o que deveria ser a política, como muitos políticos também dizem que sabem o que é. Sabemos que para conduzir **os polloi,** os muitos na **polis,** na **cidade,** é mister uma certa habilidade para harmonizar os interêsses individuais com os coletivos, que inevitàvelmente colidem. Sabemos que o ser humano, em sua parte social, não é tão grandemente desenvolvido que, no choque dos interêsses entre o que é de sua conveniência e o que é da coletividade, não sacrifique o indivíduo o que é da coletividade em benefício do que lhe é pessoal. Sabemos que há necessidade de regular a sua conduta, para que esta não afronte ao que convém aos outros. Tudo isso sabemos e sabemos também que tudo isso, mais ou menos, dizem saber os políticos. Contudo, o que, na verdade sabemos é o que se dá na prática, que é visceralmente o inverso do que se diz, já que os políticos têm sido mais um entrave ao bom entendimento entre os interêsses dos particulares e os da coletividade: uns provocadores de questões que não precisavam surgir, e uns criadores de crises das mais nefastas aos interêsses de todos, menos dêles, políticos, quase sempre.

O que se tem visto, e a boa caracterologia pode mostrar, é que, na maioria das vêzes, buscam a política aquêles falhos de prestígio pessoal, que sofrem de qualquer deficiência quanto ao seu valor natural, e que buscam nas atitudes e nos cargos do político, o que lhes dê um prestígio que, por si sós, não são capazes de gozar e, na prática, vão mostrar que sabem muito bem como conciliar os seus interêsses pessoais com o cargo que ocupam, sem se preocuparem muito, senão aparentemente, com os interêsses coletivos.

E se isso não fôr verdade, respondam a esta pergunta: onde estão os verdadeiramente grandes pensadores da humanidade que andaram fazendo política?

Se algum grande o foi, o foi apenas num instante de desfalecimento, ou num rompante de idealismo em que julgou que a política era o caminho seguro para fazer o bem de seu semelhante. E por outro lado responda-se, também, a esta pergunta: os maiores bemfeitores da Humanidade, os que maior soma de bens criaram para os homens, não foram precisamente não políticos?

Estas duas perguntas devem fazer meditar quem procura saber o que na verdade é a política, e porque não podemos nos alinhar ao lado dos que lhe prestam homenagens, e porque teremos, inevitàvelmente, de, nesta meia página, buscar tratar de algum aspeto geral, tecendo-lhe as críticas que se impõem, e pondo a nu o que, na verdade, é essa arte de enganar os povos e de conquistar o poder, e conservá-lo à custa seja do que fôr.

OS NETINHOS DA FILOSOFIA

Quando alguém é avó conhece uma das mais deliciosas experiências. É a dos netinhos que lhe dão conselhos, ou que pretendem explicar-lhe coisas que êle conhece de sobejo. «Vovô não ande na chuva, que faz mal...» ou «ah! isso é assim, vovô. Vou ensinar ao senhor como é...» A ingenuidade infantil comove, traz consigo uma beleza que provoca emoções estéticas até.

Mas tudo isso, que é cheio de beleza na criança, é cheio de ridículo quando vemos proceder assim adultos. É o espetáculo que oferecem êsses cavalheiros do Círculo de Viena e dos sub-círculos que proliferam entre nós, dêsses logísticos que não conhecem a Lógica, e que, como outras crianças, vêm dar conselhos e lições aos que conhecem a matéria melhor que êles. Vem descobrir coisas já velhas e descobertas, e, pior, já postas na lata de lixo, que êles vão remexer e apresentar como novidades estupendas. São os netinhos da filosofia moderna...

No futuro, iremos mostrar as suas inúmeras ingenuidades. Mas há uma diferença: é que a ingenuidade infantil é deliciosa, e a dêsses bárbaros, casados, vacinados, é simplesmente ridícula. Mas, assim como os netinhos causam assombro aos de sua idade, também êsses adultos assombram como Vascos da Gama, descobridores de um novo mundo para outros de mente infantil de nossa época, que desconhecem o que já se fêz sôbre a matéria.

Iremos apresentar em nossos números **pérolas dos netinhos da filosofia.**

Neo-Positivismo e Classificação

Acidente é o que acontece com a substância individual, mas a propriedade, é o que acontece com o gênero e com as espécies, decorrentes dêstes acidentalmente, mas fundados nas suas qüididades.

Para examinar o pensamento de alguns cientistas, estabeleçamos alguns comentários:

qualquer cientista, na Química, por exemplo, sabe que a água tem certas propriedades, como também as tem o líquido enquanto líquido. Ora, o líquido está para a água numa relação de gênero para espécie. As propriedades, que são dadas ao líquido, devem também ser propriedades da água, já que a água é um líquido, mas com uma diferença específica. As propriedades da água são as propriedades do líquido, e mais as que são da sua especificidade. Qualquer cientista, neste caso, sabe, se há um líquido neste planeta, deve ter êle tais propriedades e as enumerará.

Êle saberá distinguir, na água, as propriedades do seu estado líquido e as que não são, e se a água deixar de ser líquida, terá as propriedades do sólido ou do gazoso etc.

Êle saberá, ainda, distinguir os acidentes desta gota d'água aqui, que é esverdeada, mais grossa que aquela, que se acha à borda desta mesa, enquanto aquela está suspensa numa folha de árvore, etc.

Êle distinguirá os acidentes dessa gôta e não os confundirá com suas propriedades específicas, nem com as genéricas, por mais neo-positivista e logístico que seja.

Êle saberá que esta gôta dágua, enquanto água, tem tais propriedades; enquanto líquido, tais outras propriedades, enquanto mineralóide, tais outras.

E dirá que, por ser mineralóide, tem estas propriedades; porque é líquido, tem aquelas; porque é água, tem estas outras; e porque é esta gota aqui, tem ainda estas.

Êle não fará confusões normalmente. Agora se lhe vierem dizer que tudo isso era como os antigos lógicos classificavam, então desaba um temporal de mil demônios, e êle passa a citar Bertrand Russell, Wittgenstein, Broad, Cassirer, Moore etc., para dizer que nada disso tem fundamento.

Mas, depois, no laboratório, continuará classificando como os antigos lógicos aconselhavam, embora usando outros têrmos, e estando convencido que descobriu uma nova América das classificações...

Nicolau Bruno

ESTA É A NOSSA LUTA:

denunciaremos a moeda falsa intelectual, a mentira cheia de ouropéis, a falsa cultura travestida de pompas;

contra o charlatanismo diplomado dos fariseus intelectuais;

contra a desesperança infundada, a confusão propositada e impelida pela má intenção;

contra as falsas razões sem fundamento; contra os argumentos sem demonstração;

contra o domínio dos meios de publicidade por grupos, que representam interêsses inconfessáveis;

contra a valorização da astúcia, da malícia, do mórbido, da especulação sôbre os baixos valôres;

contra a ignorância atrevida e auto-suficiente;

contra a demagogia e as falsas reivindicações sociais, que não representam nenhuma elevação humana;

contra as expressões untuosas de falsa piedade na exposição do que é digno para o homem;

contra a tentativa de impor, definitivamente, as trevas sôbre os homens!

Os que sentirem que a nossa luta também é a dêles, que marchem juntos conosco e juntos conosco combatam no mesmo campo de batalha!

CÉREBROS RETARDADOS — UM PROBLEMA MODERNO

Psicólogos, pedagogos, psiquiatras, etc. responsáveis, que sentem ter um papel em relação à humanidade, um dever para os seus semelhantes, preocupam-se hoje, mais do que nunca, com o processo progressivo do retardamento mental que se observa de modo tremendo na juventude moderna. Exames feitos sôbre os trabalhos intelectuais dos jovens do século passado, comparados com os que realizam hoje os nossos jovens, vêm comprovar um índice crescente de retardamento mental. Os jovens do passado davam uma média intelectual superior. Não é de admirar que testes para crianças do passado não sejam respondidos no mesmo grau por alunos de cursos superiores. Por que tal degenerescência se dá?

A essa interrogação há muitas respostas. Uns acusam a pedagogia (e têm muita razão), outros aos medicamentos modernos, outros à ausência de práticas mentais salutares, outros à automatização da nossa vida, etc. Não vamos, aqui, tentar discutir a matéria já, mas abrir a sua problemática, e solicitar a cooperação dos nossos leitores para o assunto, dada a sua gravidade e extensão. Segundo certos cálculos, se assim prosseguir essa progressão, dentro de 30 a 50 anos formaremos uma humanidade de imbecis, já que o número dos débeis mentais cresce assustadoramente, com a progressão não menor dos idiotas.

Gostaríamos que nossas colunas não só abrigassem matéria sôbre o assunto, a problemática que implica, bem como soluções oferecidas. Segundo o material recebido, daremos uma ordem à publicação da matéria, pois nosso intuito é contribuir para que tal índice desça, e que não nos abismemos num oceano de estupidez.

O problema é seu...

Todos os que se preocupam com os problemas éticos da atualidade não podem deixar de assinalar um aspecto bem desagradável, embora suficientemente significativo da nossa época, que se reduz à frase: «Êsse problema é seu...» Há nessa expressão uma tomada de atitude muito significativa: ela indica uma tendência ao desligamento afetivo e ético que se processa entre os indivíduos componentes de um todo social. Como humanos, o problema de um nosso semelhante é nosso também, porque nada do que é humano nos pode ser alheio. Essa proclamação é a tomada de consciência de uma solidariedade que deve existir entre os homens. Nós não somos aves nem animais de rapina, somos homens e, humanamente devemos compreender e viver, também, os problemas de nossos semelhantes. Dizem que isso é pieguice. Não é. É mais fácil ficar indiferente, cuidar dos próprios problemas apenas, viver a sua vida sem se interessar pela dos outros. Qualquer animal pode fazer isso, qualquer **rato** pode proceder assim. Não um homem livre, um homem que ama a sua própria dignidade, um homem que se coloca, não como um animal entre animais, como uma coisa entre coisas, mas como uma pessoa entre pessoas. Nosso verdadeiro gesto humano só pode ser êste:

O teu problema, de certo modo, também é meu. Deixa-me ajudar-te na proporção das minhas fôrças. Não quero com isso diminuir-te nem desmerecer-te. Quero ser teu semelhante. E é só quando posso compreender teus problemas é que sou teu semelhante, e sou o teu **próximo.** Não quero distanciar-me de ti, de modo que nos tornemos dois desconhecidos, que um abismo separou, mas duas almas que se encontram para cooperarem por alguma coisa de melhor. Talvez nisto, apenas nisto, esteja todo nosso amor ao próximo. Contudo, já é bastante para nos dignificar.

Se quer lutar também contra as trevas, se julgar que nosso modo de proceder é justo, que espera fazer?

Nós aguardamos o seu pronunciamento.

Afirmações Ingênuas de Logísticos

Outro dia, um dêsses filosofastros importados, ou mero paraquedista caído aqui em nós, que recebe o bafejo de uma platéia de outros tantos tolos iguais, teve a petulância de afirmar, numa palestra, que os escolásticos e Aristóteles não haviam jamais estudado os **juízos relacionais.** Não acreditaríamos nessa afirmação, se o que escreve estas linhas não tivesse **ouvido** a conferência, aliás um amontoado de incongruências e obscuridades, que revelam que o seu realizador falava do que não havia entendido claramente.

Para responder a tal «filosofastro», vamos apenas indicar-lhe um rumo. Abra um bom compêndio de **Lógica** e procure os predicamentos. Lá encontrará as categorias de Aristóteles, e entre elas a **relação.** Terá, então, oportunidade de ver que a relação, como as outras categorias, tem espécies. Também aprenderá que há possibilidades de formular juízos correspondentes às espécies das categorias, das **praedicabilia,** das **antepraedicabilia,** das **postpraedicabilia** etc. E então verificará que é possível fazer juízos, por exemplo, de conveniência (referente à substância), de igualdade (referente à quantidade) de semelhança (referente à qualidade) de localização (referente ao **situs**) etc. E como todos êsses são relações, há possibilidade de tantos juízos de relação quanto às espécies e sub-espécies de relação. Dêsse modo, êsse filosofastro aprenderia alguma coisa. E evitaria de dizer tais tolices que extasiam um auditório de outros tolos-mirim.

Mas, alguém ao meu lado me faz uma observação. Diz-se que **grandes** logísticos também afirmaram tais coisas, e que o tal filosofastro apenas reproduz o que os outros dizem.

Sim, sabemos que é assim, respondemos. Mas tais **autoridades** são outros tantos filosofastros que contribuem, também, para aumentar as trevas no mundo, como se não bastassem as excessivas que já há.

Uma perguntinha para finalizar: será que tais cavalheiros julgam que Aristóteles e os escolásticos jamais tenham julgado possível construir juízos como êste: «A Suíça acha-se ao norte da Itália»?

Será só ingenuidade?

JONAS

Todos os livros anunciados neste jornal são vendidos pelo **sistema de reembôlso.**
Pedidos para:
DISTRIBUIDORA DE LIVROS SAO NICOLAU LTDA.
Rua Bittencourt Rodrigues, 120 a 136 — Tel. 37-6484
SÃO PAULO

Notas e Comentarios

A RAPOSA E A MACIEIRA

Eis uma das belas fábulas de Mário Ferreira dos Santos, cujo título demos acima:

«Certa ocasião, seguia por um campo uma rapôsa esfaimada. Tudo lhe havia corrido mal naquele dia.

— Serei capaz de comer qualquer coisa, até arbustos. Mas vamos ver o que é possível encontrar.

Finalmente, encontrou ao longe uma macieira:

— Louvado seja Mercúrio, deus dos ladrões. Aí está uma coisa que nunca comi, mas que serei capaz de tragar com a fome que tenho. Sim, senhores, uma macieira...

E ao chegar perto, com decepção, ao verificar que não tinha frutos, exclamou com ira.

— Raios me partam! Nem tens maçãs, ó peste.

A macieira numa voz solene e sentenciosa respondeu:

— Não tenho maçãs...

— Ah! não?! — que fazes aí? Já é época de dar maçãs... Que diabo te aconteceu?

— Resolvi não produzir maçãs.

— Ah! sim, e por que?

— Cheguei à conclusão que não era capaz de produzir maçãs perfeitíssimas. Olhando para as da minha espécie, e vendo as maçãs que dão, resolvi, desde que não posso realizar a perfeição, não dar maçãs...

A rapôsa a princípio ficou perplexa. Mas, astuciosa como é, desconfiada, perguntou.

— Será que é só por isso, macieira, ou porque és estéril?... Não estarás buscando um pretexto para ocultar aos olhos dos outros a verdade da tua esterilidade? Não confio muito nessas renúncias... Já tive parentes que usaram pretextos como tais para justificar a sua insuficiência, como aquela rapôsa que perdeu a cauda. E muitos, que são incapazes de criar, afirmam que não criam porque são incapazes de fazer a perfeição. Dêste modo, não só justificam a sua esterilidade, como lançam a desconfiança sôbre os que realizam alguma coisa. O que desejas é atirar a pecha de deficiência às macieiras, tuas irmãs, que produzem frutos..., porque és incapaz de produzir algum.

Não és tão inteligente que possas enganar uma rapôsa.»

Ao lermos esta página de Mário Ferreira dos Santos, achamo-la oportuna para aquêles que, ante a sua imensa fertilidade enciclopédica, querem justificar a esterilidade que os domina.

Mário Ferreira dos Santos é, na literatura brasileira, o mais enciclopédico e fértil escritor que já existiu em sua história. É natural que as macieiras estéreis busquem justificar a sua esterilidade em face de tanta proficiência. Mas há muitos que também têm a inteligência da rapôsa e sabem perceber o que realmente se oculta atrás dos que o acusam de ser produtivo, como se, além disso, não houvesse tantos exemplos, na história da literatura humana, de homens tão férteis, e até mais do que êle.

Salústio

Já está à venda a
2.ª edição de
«DICIONÁRIO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CULTURAIS»
em 4 volumes encadernados
DE
Mário Ferreira dos Santos
Uma obra da
Editôra Matese
À vista, com desconto, e pelo sistema de crediário, à Praça da Sé, 47 — 1.º and. — S/ 12 — Tel.: 33-3892.

DO BREVIARIO DO HOMEM LIVRE

(continuação)

O ar das montanhas revigora os pulmões.
É preciso ascender às alturas.

O homem pode construir a sua personalidade, animado pelo anelo do amor, com a vontade assistida pela razão.

Não somos guiados exclusivamente por leis mecânicas. Somos uma vida capaz de alcançar a liberdade, e traçar destinos para si mesma.

O alimento da alma é a vitória, vitória sôbre si mesmo.

Assim fala o Homem Livre.

DO BREVIARIO DO RATO

O ar dos esgotos é o mais agradável. Nada como remexer as imundícies.

Nada como deixar à solta os seus instintos, viver a vida como ela é, sem tentar modificá-la. Um queijo é o paraíso...

Somos apenas o resultado de um jôgo de fôrças, de reações a estímulos exteriores e interiores, cuja liberdade é apenas uma quimera.

A alma não existe; o que há é o estômago. Empanturrem-nos. Esta é a nossa glória e a nossa beatitude.

Assim fala o Rato.

Foi composto e impresso na Gráfica e Editôra Minox à Av. Conceição, 645